

Revisão: Erika Drummond e Mariana Pinheiro

Coordenação editorial: Renato Rezende

Projeto gráfico, capa e diagramação: Roberta Rangé

Imagens: Imagens da ampulheta, bússola e globo (pgs. 10, 13, 18, 29 e 44) por Ana Alexandrino; imagens da ratoeira, lâmpada e caps block (pgs. 15, 54, 63) por Carolina Durão; imagens do coquetel nabokov e sinuca (pgs. 60 e 73) por Gustavo Peres. Todas as outras imagens por Gab Marcondes.

Os objetos sinuca, coquetel nabokov e mapa mudo foram feitos em parceria com Gustavo Peres.

Tiragem: 500 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro - SP, Brasil)

Marcondes, Gab

Em caso de emergência pare o tempo

1ª ed. - Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014

1. Poesia brasileira 2. Literatura contemporânea

13-09944

CDD-709.810904

Índices para catálogo sistemático

1. Poesia brasileira

da arte de reter ecos de atenção

O mundo de hoje confunde tempo livre e falta de tempo, real e virtual, tinta fresca e sangue, vida e sobrevivência, necessidade e emergência, protesto e baderna, jogo e guerra, brincadeira e quebradeira. Enquanto as teorias contemporâneas procuram separar a má confusão e reagrupar a má separação, a poesia é mais livre e eleva a desordem ao extremo, embaralhando mais o enganoso senso comum. Ela concentra o excesso e o incerto na semente perversa do poema. Afinal, nela, “nada se perde, tudo se transborda”, nada, nem mesmo as artimanhas da ideologia. Enquanto pervertem o sentido das palavras, o poema as reverte e desveste com “sol, calor, frio, chuva”, isto é, a poesia é capaz de “se expor ao vento”. A artificialidade assumida da poesia contemporânea quer sentir o tempo do índio, da natureza, do objeto; enfim, torna-se objeto, respira o ar puro da inutilidade.

Gab Marcondes é uma poeta do seu tempo na exata medida em que expres-

sa o incessante estado de emergência dele e, ao contrariá-lo, incita-nos a pará-lo, acentua o seu contratempo. E, apoiada na pedra irônica de Oswald de Andrade, Gab afirma uma forma vitoriosa do tempo, que não pode ser outra senão a que procura, na contramão da pressa, da multitarefa, “não atropelar o espaço-tempo, preenchê-lo com a sutileza dos líquidos”, os mesmos que umidificam a cuidadosa fotografia deste livro. É por isso que a poeta extrai das metamorfoses da matéria, da observação do que há de mais frágil, alguma sabedoria possível em torno de um eixo: uma bússola, uma árvore, um mapa - coisas em que o poema mesmo se transforma. A fragilidade do sujeito diante da “democracia”, do amor, do palco termina por se identificar com as precariedades inumanas e necessitar de pedras, nuvens, gotas de mercúrio. Com elas então se percorre os infalíveis acidentes do percurso, para enfrentar “o tempo correndo em corroer”.

O jogo bem moderno dos tempos remonta ao arcaico, universal e pessoal. Daí o pendor para explorar invenções, mitologias infantis, que imaginam situações entre flores e besouros, açúcar e formigas, dentro da biosfera, como em “Inflorescência”, misturando inocentes guerras de brincadeira com as perigosas brincadeiras da guerra. Boa parte dos poemas são assim: sobrepõem várias camadas temáticas, o que cria complexidade, mas com um tom coloquial e despreocupado. A atualização da complexidade qualitativa da poesia, que põe e contrapõe dimensões da realidade diversas, inclusive da realidade virtual, contrasta com a simplificação de simultâneas atividades diferentes feitas no mundo da “interatividade visual”.

A introdução da rica brincadeira infantil na mera seriedade da atualidade invade o mundo da cultura letrada. Não é à toa que o tradutor do russo, o filósofo, os tempos verbais do húngaro, frases de Virgínia Woolf sublinhadas, o filólogo preocupado em definir verbetes são invadidos pela concretude da jardineira, baleia, bala de borracha, uma ouvinte de canção francesa no walkman. As duas

dimensões terminam por entrar em colapso, por exemplo, na reciprocidade tradutória sem original de um poema em versão portuguesa e tupi, ou nos diálogos com poemas de outros autores, explícitos ou implícitos, que interferem no *dégradé* de sentidos dos versos.

Gab é, sem dúvida, uma das melhores poetisas da nova geração ligadas à forte tradição concretista. Seu trabalho em torno de simetrias e dissimetrias quer des-vendar rimas visuais, o verso e o seu avesso, colorir letras para que novas palavras emergjam. E, finalmente, ela nos faz ver que sabe “vender sua ideia”, inserindo no livro os seus inusitados poéticos, que explora a fronteira, cada vez mais extensa, entre poesia e artes plásticas.

A poesia não quer segurar o tempo, mas este livro tem a rara virtude de saber prender, reter, os ecos de atenção do leitor.

Eduardo Guerreiro B. Losso

Coordenador de Inovação em Tradução (FRJ)